

Eixo Temático 09-004 - Biologia Aplicada

**ETNOCONHECIMENTO DOS CATADORES DE CARANGUEJO-UÇÁ
Ucides cordatus (LINNAEUS, 1763) (CRUSTACEA, DECAPODA) NOS
MANGUEZAIS DE VÁRZEA DO UNA, PERNAMBUCO, BRASIL**

André dos Santos, Victor Hugo Moreira de Lima, Wed'lla Thaís Barbosa da Silva,
Emanuelle Angélica Silva, Manoel Lucas Bezerra de Lima

¹Universidade de Pernambuco; ²Laboratório Central de Saúde Pública do Estado de Pernambuco; ³Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul; ⁴Universidade Federal de Pernambuco - UFPE/CAV.

RESUMO

A catação de caranguejo dentro dos complexos estuarinos constitui a principal fonte econômica das comunidades ribeirinhas em todo o nordeste do Brasil. Objetivou-se neste estudo os catadores de caranguejo-uçá do Distrito de Várzea do Una, no Município de São José da Coroa Grande (Pernambuco, Brasil), além de inferir sobre a percepção dos mesmos em relação à atividade de captura do caranguejo-uçá *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763) e ao manguezal. Para a avaliação de questões etnobiológica e socioeconômica dos catadores de caranguejo, realizou-se a aplicação de um questionário estruturado. Em relação ao perfil socioeconômico dos catadores, trata-se de profissionais que apresentam baixa qualidade de vida, sem perspectiva de progressão, vivendo dentro de áreas de preservação permanente, convivendo e extraindo delas sua sobrevivência. Ficou demonstrado que a comunidade de coletores de caranguejo-uçá estudada possui forte interação com o manguezal, tendo o conhecimento empírico em várias situações, ajustando-se perfeitamente com dados disponíveis na literatura científica. Assim, torna-se evidente que o conhecimento dos catadores pode auxiliar estudos científicos e deve ser considerado quando forem elaboradas ações que visem ao manejo e a preservação local deste recurso pesqueiro.

Palavras-chave: Manguezal; Preservação; Catador.

INTRODUÇÃO

Os manguezais brasileiros têm uma extensão de aproximadamente 25.000 km², cobrindo áreas do extremo norte do Estado do Amapá (latitude 4° 30' N) até áreas do extremo sul do Estado de Santa Catarina (latitude 28° 53' S). Atualmente, o Brasil é o terceiro país em áreas mais extensas de mangue no mundo (Giri et al., 2011), proporcionando uma vasta riqueza de recursos para várias comunidades litorâneas.

O uso de recursos dos manguezais teve origem em tempos remotos, datados de 7.000 a 10.000 anos atrás evidenciando o uso da fauna do mangue como caranguejos, siris, mexilhões, ostras e peixes por tribos nômades pré-históricas, podendo ser comprovado pela existência dos “sambaquis” distribuídos ao longo da costa (Alves e Nishida, 2003). Portanto, a relevância dos manguezais transpassa o âmbito ecológico, tendo uma importância econômica, social e cultural.

Os caranguejos representam a principal atividade econômica das comunidades humanas tradicionais que habitam os manguezais. Dentre as espécies comercializadas no Brasil, destacam-se o guaiamu *Cardisoma guanhumi* Latreille, 1828, aratu *Goniopsis*

cruentata (Latreille, 1802), os siris *Callinectes* spp e o caranguejo-uçá *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763). Este último, no entanto, representa a espécie de maior relevância para a economia das populações ribeirinhas (Alves e Nishida, 2003).

Em geral, a captura do caranguejo-uçá é realizada de modo individual, manualmente ou com instrumentos feitos pelo próprio catador visando a facilitar a coleta, como rede, cortadeiras, dentre outros. A captura também pode ser realizada sem embarcações ou qualquer tipo de infraestrutura, sendo predominada por grupos de pessoas sem emprego fixo, que usam a disponibilidade do recurso para a obtenção de uma renda.

O conhecimento dos catadores sobre os ecossistemas dos quais estão inseridos constitui uma verdadeira herança que a modernidade não pode prescindir. O mangue tem importância na economia de subsistência de várias comunidades litorâneas, em que a avaliação das potencialidades do ecossistema pode servir de base para estabelecer a sustentabilidade das atividades extrativistas, uma vez que são áreas de alta produtividade biológica (Morbeg e Ronnback, 2003).

Este artigo tem como objetivou conhecer aspectos etnobiológicos envolvidos na catação, na comercialização e na interação dos catadores do caranguejo-uçá com o meio ambiente, de modo a proporcionar uma melhor compreensão da percepção ambiental dos catadores e a sua sensibilização frente às questões ambientais. Os saberes empíricos dos catadores de caranguejo são fundamentais para o estabelecimento de programas sociais que visem à melhoria da qualidade de vida desses trabalhadores, assim como, à criação de programas de manejo e conservação dos recursos naturais, em especial do caranguejo-uçá.

METODOLOGIA

O presente estudo foi conduzido no Estuário do Rio Una, localizado na Vila de Várzea do Una (08° 50' S; 35° 09' W), distrito do Município de São José da Coroa Grande, litoral sul do Estado de Pernambuco (Figura 1). O local estudado encontra-se inserido na Área de Proteção Ambiental da Costa dos Corais, fazendo limite com o Estado de Alagoas.

A pesquisa foi realizada no mês de outubro de 2016, durante os trabalhos dos catadores e em encontros informais próximos as suas residências. A obtenção dos dados deu-se por meio de entrevistas abertas e semiestruturadas. As entrevistas seguiram preceitos etnoscience com enfoque emicista-etnicista balanceado (Sturtevant, 1964). Foram entrevistados catadores (N = 20) de ambos os sexos. Os catadores foram contatados segundo a técnica bola-de-neve (snowball) (Goodman, 1961). As entrevistas ocorreram em contextos variados e tiveram duração média de 30 min e abordaram questões socioambientais e a etnobiológica dos catadores de caranguejo-uçá. Também foram realizadas observações diretas, acompanhando os informantes em suas atividades rotineiras.

Os dados etnográficos foram analisados através de frequência de ocorrência. O registro fotográfico foi feito sempre que possível e um termo de consentimento livre e esclarecido, assim como, a permissão para a publicação das imagens foram concedidas pelos entrevistados.

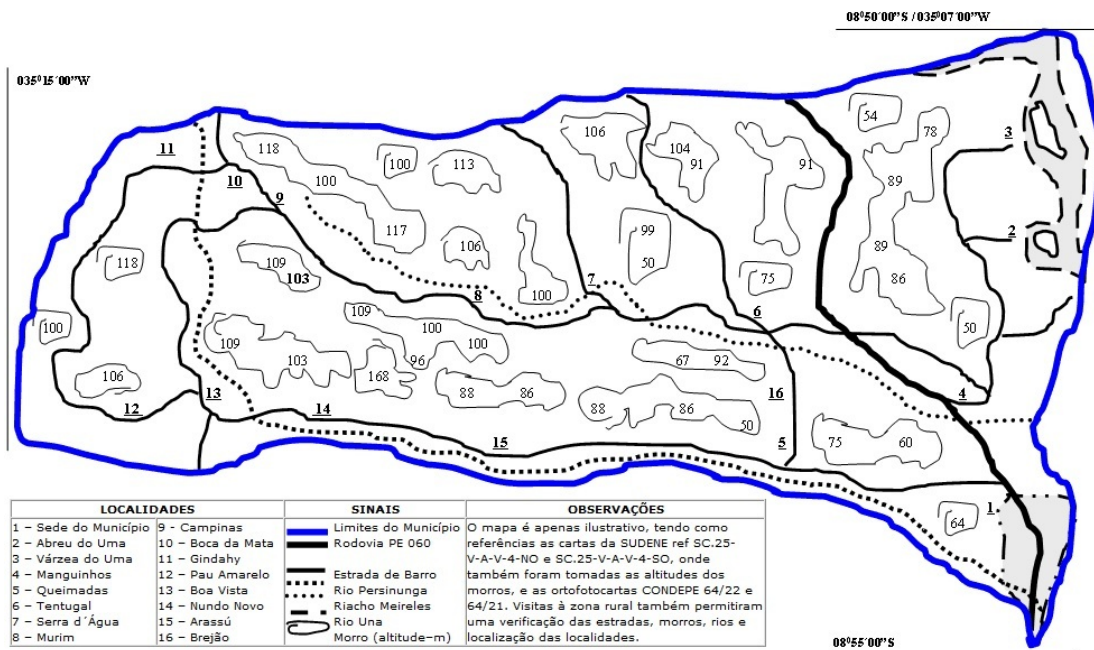


Figura 1. Localização da Vila de Várzea do Uma, no Município de São José da Coroa Grande. Fonte: Museu do Una.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades antrópicas na área estudada estão relacionadas à ocupação desordenada e ao uso inadequado do solo. Desmatamentos e aterros são realizados pela população como a finalidade de construção de moradias e o lançamento de efluentes domésticos e resíduos sólidos são efetuados diretamente no manguezal.

A estrutura etária dos catadores variou entre 18 a 65 anos, com média de 45 anos, caracterizando um contingente que complementa a renda familiar através da coleta de caranguejo-uçá. Em relação ao estado civil, cerca de 50% declararam-se solteiros, 40% casados, 5% concubinatos e 5% desquitados. A maioria possui o Ensino Fundamental I e II completo (60%), enquanto os demais (40%) não possuem qualquer nível de instrução. Esse resultado caracteriza a população de catadores de caranguejo-uçá dessa comunidade como pobremente qualificada, como já observado em outras áreas da costa brasileira (Alves e Nishida, 2003).

O tempo de trabalho como coletor de caranguejo variou de 5 a 30 anos, com 30% dos entrevistados sobrevivendo deste recurso como única fonte de renda, com média de 1 salário mínimo. A baixa renda desses catadores pode estar relacionada à baixa escolaridade ou ao modo de vida tradicional, baseado na produção de subsistência.

Na atividade de coleta os animais são capturados por ratoeira, facão e braceamento (20%), embora 80% utilizem redinha (Figura 2). O uso da redinha pelos catadores para a captura do caranguejo tem provocado a diminuição da espécie (Tabela 1). Estas técnicas foram relatadas por outros autores que discutiram a questão etnobiológica e socioeconômica de catadores de caranguejo (Albuquerque e Albuquerque, 2005).



Figura 2. Apetrechos utilizados pelos catadores durante a catação do caranguejo-uçá.

A frequência com que os catadores vão ao manguezal para coletar é de 3 a 4 dias por semana, com média de extração de 20 cordas/dia (cada corda com 10 caranguejos). O meio pelo qual se deslocam no manguezal é através de caminhada. A grande maioria dos coletores é do sexo masculino (85%), há participação das mulheres e crianças. A baixa participação das mulheres se justifica pela dedicação aos cuidados da casa e dos filhos.

A maior parte dos catadores (80%) não é associada a cooperativas e vendem sua produção nas feiras livres, na praia, bares e restaurantes. Maneschy (1993) observou a mesma situação entre catadores no Estado do Pará, sugerindo que a desmobilização da categoria traduz certamente o fato de que eles incorporam a imagem desvalorizada e estereotipada de seu trabalho. A comercialização do caranguejo é realizada com os animais ainda vivos e colocados em cordas com 10 caranguejos, sendo geralmente mantidos em barris, latas ou caixas d'água com tampa, até serem vendidos. O preço da corda do caranguejo-uçá variou entre R\$ 8,00 (oito reais) a R\$ 10,00 (dez reais).

A partir da análise dos dados ficou perceptível que 80% dos catadores apresentam conhecimentos sobre a legislação que proíbem a cata do caranguejo *Ucides cordatus* em períodos da “andada” e na ocorrência de fêmeas ovígeras (Brasil, 2014). Porém, mesmo com o conhecimento das leis ambientais esses crustáceos são capturados indiscriminadamente e os catadores não têm receios de punições.

Para a maioria dos entrevistados (90%), o período de proibição da catação é conhecido e concordam com a lei do defeso do caranguejo-uçá. Estes dados são similares aos de Oliveira e Rangel (2016). Foi verificado junto aos catadores que 80% tiveram conhecimento da lei do defeso através do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e 20% através de conhecidos ou parentes. No entanto, todos mudariam o período da proibição da catação, mesmo afirmando ser neste período que os mangues lodosos apresentem maior número de fêmeas ovígeras, esses dados diferem do trabalho de Fiscarelli e Pinheiro (2002), onde pouco mais da metade dos entrevistados não mudariam o período de defeso do caranguejo-uçá.

Tabela 1. Descrição dos principais apetrechos e técnicas utilizados na catação artesanal de caranguejo-uçá nos manguezais da Vila de Várzea do Una.

Arte de pesca do caranguejo e apetrechos	Descrição
Redinha	É um emaranhado de fios desfiados de saco de polipropileno que é colocado na entrada da toca do caranguejo, de forma que o animal fique preso quando subir em busca de oxigênio e alimento. Possui capacidade para acomodar de 60 a 70 caranguejos. Esta técnica exige pouco esforço físico, porém apresenta a desvantagem de capturar caranguejo de todas as idades e fêmeas ovígeras, além de ser prática proibida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).
Ratoeira	Espécie de alçapão confeccionado com lata de óleo e madeira, utilizado na captura de caranguejos. Poucos catadores utilizam a ratoeira para a catação do caranguejo-uçá e a maioria utiliza esse petrecho para a catação de caranguejos de outras espécies. A técnica permite colocar uma isca de origem vegetal, coco ou folhas. A principal vantagem é o baixo custo do apetrecho, uma vez que utiliza apenas lata de óleo e madeira.
Facão	Instrumento perfurocortante utilizado na catação. Serve para cortar galhos da vegetação de mangue, para facilitar a passagem do caranguejo no momento de sua captura e também no uso de algumas técnicas utilizadas pelos catadores.
Braçeameto	Método tradicional de captura, onde o catador fica em contato direto com o substrato do manguezal, inserindo o braço dentro da toca ou galeria visando a extrair o caranguejo. Esta técnica requer muito esforço físico e causa ferimentos nas mãos e braços, sendo permitida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

A redução significativa da população de caranguejo-uçá no manguezal da Vila de Várzea do Una deve-se principalmente ao comportamento dos seus próprios catadores e à poluição causada pela comunidade ribeirinha. Em períodos de “andada” (Brasil, 2014) os catadores fazem suas maiores produções na catação da espécie, mesmo tendo o conhecimento da lei que preserva esse período, dificultando a natural reprodução do caranguejo-uçá. Durante as conversas informais, os catadores se responsabilizavam pela situação em que o manguezal da Vila de Várzea do Una se encontrava, apontando que “de onde se tira sem se colocar, só resta à falência”.

CONCLUSÕES

É impactante a redução dos recursos pesqueiros na Vila de Várzea do Una devido à catação desordenada do caranguejo-uçá *Ucides cordatus*. Parte desses impactos ambientais é causada pela própria comunidade, visto que em grande parte da área do manguezal a espécie se encontra ameaçada. Segundo os próprios catadores, o número de capturas comparado há poucos anos atrás tem reduzindo significativamente. No entanto, a conscientização da cata moderada e métodos para captura que não afetem a permanência de vida no manguezal devem ser levados em consideração pelos próprios catadores, assim como, o uso de meios de trabalho alternativos para melhorar a condição de vida da população ribeirinha. Por possuírem uma grande interação com o manguezal, foi constatado que os coletores apresentam um conhecimento empírico que em algumas situações se ajustam aos relacionados à literatura científica. Neste sentido, são necessárias ações que visem o manejo e preservação da espécie em parcerias com a própria comunidade e o poder público.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C. A; ALBUQUERQUE, U. P. Local perceptions towards biological conservation in the community of Vila Velha, Pernambuco, Brazil. **Interciência**, v. 30, n. 8, p. 460-465. 2005. Disponível em: http://www.scielo.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0378-18442005000800006. Acesso em: 23 abr. 2017.

ALVES, R. R. N.; NISHIDA, A. K. Aspectos socioeconômicos e percepção ambiental dos catadores de caranguejo-uçá, *Ucides cordatus cordatus* (Linnaeus, 1763) (Decapoda, Brachyura) do Estuário do Rio Mamanguape, Nordeste do Brasil. **Interciência**, v. 28, n. 1, p. 36-43, 2003.

ALVES, R. R. N.; NISHIDA, A. K.; HERNÁNDEZ, M. I. M. Environmental perception of gatherers of the crab ‘caranguejo-uçá’ (*Ucides cordatus*, Decapoda, Brachyura) affecting their collection attitudes. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 1:10, 2005. <https://dx.doi.org/10.1186/1746-4269-1-10>

BRASIL. **Instrução Normativa Interministerial nº 9, de 30 de dezembro de 2014**. Regulamenta, no período da “andada”, a pesca do caranguejo-uçá nos Estados do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, nos anos de 2015 e 2016. **Diário Oficial da União**, seção 1, p. 81, jan. 02, 2015. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=02/01/2015&jornal=1&pagina=81&totalArquivos=128>>. Accessed on: 23 abr. 2017.

CAPISTRANO, J. F.; LOPES, P. F. M. Crab gatherers perceive concrete changes in the life history traits of *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763), but overestimate their past and current catches. **Ethnobo. Conserv.**, 1:7, 2012. <https://dx.doi.org/10.15451/ec2012-8-1.7-1-21>

FISCARELLI, A. G; PINHEIRO, M. A. A. Perfil sócio-econômico e conhecimento etnobiológico do catador de caranguejo-uçá, *Ucides Cordatus* (Linnaeus, 1763), nos Manguezais de Iguape (24° 41’ S), SP, Brasil. **Actual Biol.**, v. 24, n. 77, p. 129-142,

2002. Disponível em: <[http://www.crusta.com.br/biblio/01.Artigos/24-Fiscarelli.e.Pinheiro.\(2002\).-.Perfil.catadores.de.Ucides.pdf](http://www.crusta.com.br/biblio/01.Artigos/24-Fiscarelli.e.Pinheiro.(2002).-.Perfil.catadores.de.Ucides.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2017.

GIRI, C.; OCHIENG, E.; TIESZEN, L. L.; ZHU, Z.; SINGH, A.; LOVELAND, T.; MASEK, J.; DUKE, N. Status and distribution of mangrove forests of the world using earth observation satellite data. **Global Ecology and Biogeography**, v. 20, n. 1, p. 154-159, 2011. <https://dx.doi.org/10.1111/j.1466-8238.2010.00584.x>

GOODMAN, L. Snowball sampling. **The Annals of Mathematical Statistics**, v. 32, n. 1, p. 148-170, 1961.

MANESCHY, M. C. Pescadores nos manguezais: estratégias técnicas e relações sociais de produção na captura de caranguejo. In: Furtado, L.; Leitão, W.; Melo, A. F. (Eds.). **Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993. p. 19-62.

MOBERG, F.; RONNBACK, P. Ecosystem services of the tropical seascape: interactions, substitutions and restoration. **Ocean Coast. Manag.**, v. 46, p. 27-46, 2003.

OLIVEIRA, E. M. S.; RANGEL, L. F. A. **Conhecimento etnobiológico dos catadores de caranguejo *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763) (Crustacea, Decapoda) do Distrito de Gargaú, São Francisco do Itabapoana/RJ**. Campos dos Goytacazes: Instituto Federal Fluminense, 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação Ambiental). Disponível em: <http://bd.centro.iff.edu.br/bitstream/123456789/941/1/Artigo_PEA_Eliana_Fellipe.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2017.

SANTOS, L. C. M.; GASALLA, M. A.; DAHDOUN-GUEBAS, F.; BITENCOURT, M. D. Socio-ecological assessment for environmental planning in coastal fishery areas: a case study in Brazilian mangroves. **Ocean & Coastal Management**, v. 138, p. 60-69, 2017. <https://dx.doi.org/10.1016/j.ocecoaman.2017.01.009>

SANTOS, L. C. M.; PINHEIRO, M. A. A.; DAHDOUN-GUEBAS, F.; BITENCOURT, M. D. Population status and fishery potential of the mangrove crab, *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763) in North-Eastern Brazil. **Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom**, 2016. <https://dx.doi.org/10.1017/S0025315416001259>

STURTEVANT, W. C. Studies in ethnoscience. **American Anthropologist, New Series**, v. 66, no. 3, pt. 2, p. 99-131, 1964.